Arranjos didáticos para piano: um estudo sobre escolhas e alternativas pedagógico-musicais

Gisele Andrea Flach
Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE
Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI
Associação Pró-Cultura e Artes de Ivoti - ASCARTE

Resumo: Esta comunicação refere-se ao projeto de Dissertação de Mestrado que busca refletir sobre a elaboração de arranjos musicais feitos para o ensino de piano, procurando esclarecer e compreender as escolhas, decisões e alternativas empregadas diante de possíveis problemas da didática musical e didática do instrumento. Os arranjos que serão analisados foram elaborados para prática de piano em conjunto, consistindo em peças criadas para serem tocadas por três ou mais alunos no mesmo piano, uma atividade que vem sendo desenvolvida pela pesquisadora nas duas instituições onde trabalha, Fundação Municipal de Arte de Montenegro- FUNDARTE e Instituto de Educação Ivoti-IEI. O estudo consistirá em um memorial, como uma reflexão sobre a prática de elaboração de arranjos didáticos para a prática de grupo no mesmo instrumento.

Palavras-chave: arranjo didático, piano em grupo, pedagogia do piano.

Introdução

A prática de piano em grupo vem sendo desenvolvida, pela pesquisadora, como uma disciplina complementar no Instituto de Educação Ivoti-IEI/ASCARTE desde novembro de 2008, e na Fundação Municipal de Artes de Montenegro-FUNDARTE desde julho de 2011. Essa atividade é um reflexo da motivação dos alunos de piano, de ambas instituições, em tocar entre quatro ou cinco pianistas no mesmo instrumento. Tal prática teve início nos cursos anuais de inverno, Encontro de Jovens Instrumentistas, que, apesar de ocorrerem desde 1998 em formato de *master class*, oferecem oficinas de piano em grupo apenas desde 2005. A ideia de tocar em grupo nesses encontros surgiu da necessidade de reduzir para duas ou três músicas a participação dos pianistas no concerto de encerramento. Como contemplar doze pianistas em três músicas? A solução era criar um arranjo que pudesse ser tocado por doze pianistas em três pianos, uma prática que se mostrou muito motivadora para os alunos, pois quebrava com a rotina da aula individual de instrumento. A partir dessa experiência, os próprios alunos demonstraram bastante interesse em estender a prática de grupo durante todo o ano, dando origem, assim, à disciplina de piano em grupo (também conhecida como grupo de pianistas) hoje vigente na instituição.

A dissertação, cujo projeto serve como base para esta comunicação, será feita em formato de memorial, consistindo em uma reflexão sobre a minha prática, elaboração de arranjos didáticos, a fim de compreender escolhas, decisões e alternativas pedagógico-musicais propostas nos arranjos. Um memorial de composição tem algumas semelhanças com a ideia desta pesquisa, uma vez que "o objetivo [de um memorial de composição é] revelar um processo composicional, entendido como um processo de tomada de decisões e de combinação de ideias" (ZANATTA, 2002, p. 10). Por estar na área da Educação Musical, este trabalho terá como tarefa reconstituir as etapas da elaboração dos arranjos didáticos associadas à preocupação com a didática do instrumento.

Assim, para fazer este estudo, irei selecionar oito peças dos arranjos feitos para piano em grupo, elaborados para serem tocados por três ou mais alunos nos mesmo piano. Dos oito arranjos, utilizarei sete pré-existentes e um novo, que foi elaborado no primeiro semestre de 2012. Sobre cada uma dessas peças será feito, em forma de memorial, um estudo reflexivo sobre a elaboração dos arranjos com fins didático-musicais.

Arranjos musicais para piano

A elaboração de arranjos musicais é uma prática que venho utilizando ao longo de 11 anos de docência no ensino particular de piano. É uma atividade que não se mostra tão simples, pois na maioria das vezes consiste em escrever uma partitura partindo apenas do registro sonoro de uma música. Ao confeccionar cada arranjo, me baseio em alguns fatores que considero muito importantes, ao ponto de contribuírem para o aprendizado dos meus alunos de piano. O nível técnico do aluno para quem está sendo feito o arranjo é o principal deles, porque delimita todas decisões acerca dos outros fatores, tais como: elementos da linguagem musical a serem apresentados na partitura; resultado sonoro do arranjo e técnica pianística que será utilizada na execução.

Em relação aos elementos da linguagem musical, o arranjo a ser elaborado deve observar a tonalidade da obra, o compasso, as figuras rítmicas (simplificando ou não o ritmo), a harmonia, a melodia, o fraseado, a articulação, sempre em concordância com o grau de dificuldade que o aluno tem condições de executar, mesmo contendo elementos novos ao seu conhecimento prévio. O resultado sonoro

é o fator que despertará no aluno a grande vontade de estudar aquela peça já que o arranjo apresenta alguma semelhança com a obra original, uma música que é, em muitos casos, bastante significativa para esses alunos.

Quanto ao termo “arranjo”, que venho utilizando para definir as minhas elaborações musicais para piano, é importante mencionar a pesquisa de PEREIRA (2001), que menciona que “[...] ao trazer no título o termo arranjo, explícito em uma obra, torna-se permitido modificar, acrescentar, diminuir, enfim, adquirir maior flexibilidade de manipulação de elementos estruturais [...]” (PEREIRA, 2011, p. 175). Dessa forma, a autora sugere que o termo arranjo reflete a possibilidade de mudanças nos “elementos estruturais”, que ela considera como sendo aspectos da estrutura melódica, rítmica, harmônica e formal (PEREIRA, 2011, p. 45-46).

Acredito que no desenvolvimento da pesquisa a terminologia mais adequada a ser utilizada para definir o material que foi elaborado para as aulas de piano será devidamente estudado e esclarecido: são arranjos, transcrições ou adaptações? Até o presente momento o termo arranjo se mostrou bastante abrangente, por trazer em sua definição essa flexibilidade em relação à elaboração musical, o que o torna, até agora, mais adequado para definir o material decorrente das minhas elaborações musicais.

Análises preliminares

O arranjo para o grupo de pianistas que foi feito no primeiro semestre de 2012 é baseado em músicas, temas de *rock*, dos anos 50 e 60. Trago uma pequena análise da primeira parte do arranjo como exemplo do foco da pesquisa.

Ao definir a música original do arranjo, optei por usar uma sequencia de músicas da mesma época, que pode ser chamado de *medley*. Comecei a escrita com a música *Great Balls of Fire* de Jerry Lee Lewis, que traz na sua versão original muitos solos, glissandos e um baixo melódico que me interessou, todos tocados no piano.

Antes de começar a escrita precisei decidir quantas vozes (e pentagramas) eu usaria para escrever o arranjo. Optei por três pentagramas porque o grupo de pianistas para quem eu imaginava o arranjo era composto por cinco integrantes, sendo 2 integrantes novos e 3 integrantes que já participavam do grupo no ano anterior. Assim, imaginei a voz superior (mais aguda) tocada por duas pessoas, por

trazer de início a melodia principal; a voz intermediária tocada por uma pessoa, pensei especialmente em uma aluna novata no grupo que tem algumas dificuldades de leitura e de ritmo o que me obrigava a criar algo específico para ela sem grandes dificuldades; e uma voz mais grave que seria tocada por dois alunos, podendo haver *divisi* em alguns momentos.

O início da música original traz um diálogo bem evidente entre baixo, destacado em azul, e melodia, assim, optei por colocar a voz intermediária tocando o mesmo que a voz do baixo, e a voz aguda fazendo a melodia que era cantada pelo intérprete na música original, conforme exemplificado na figura 1.

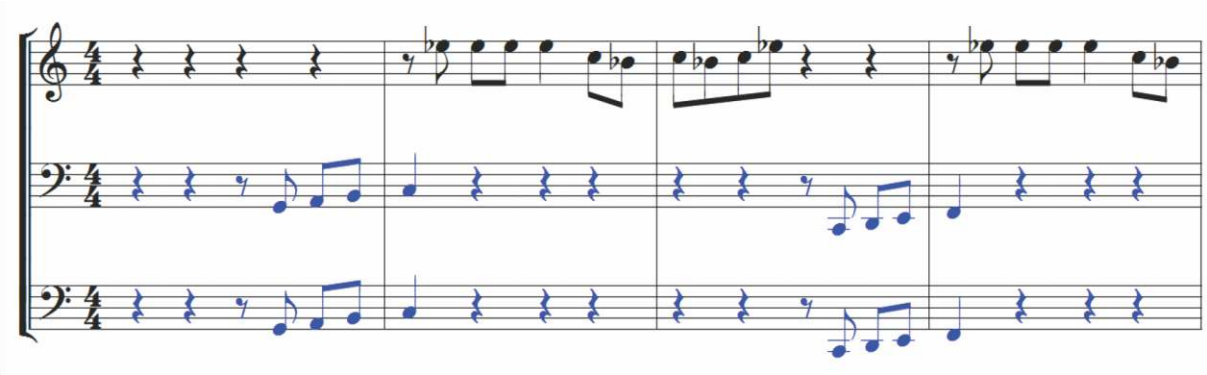

FIGURA 1 – Fragmento da partitura de Rock'N Roll Old Times, compassos 1 a 4.

Esse diálogo, que é caracterizado por um tipo de pergunta e resposta entre baixo e melodia, é um tipo de solo de cada parte, enquanto uma voz pergunta a outra está em pausa e vice-versa, durante oito compassos. Um *glissando* (destacado em rosa) introduz uma repetição desse diálogo que, agora, virá acompanhado pela harmonia, feita pelo baixo (em verde e azul) e voz intermediária (em vermelho), conforme exemplificado na figura 2.

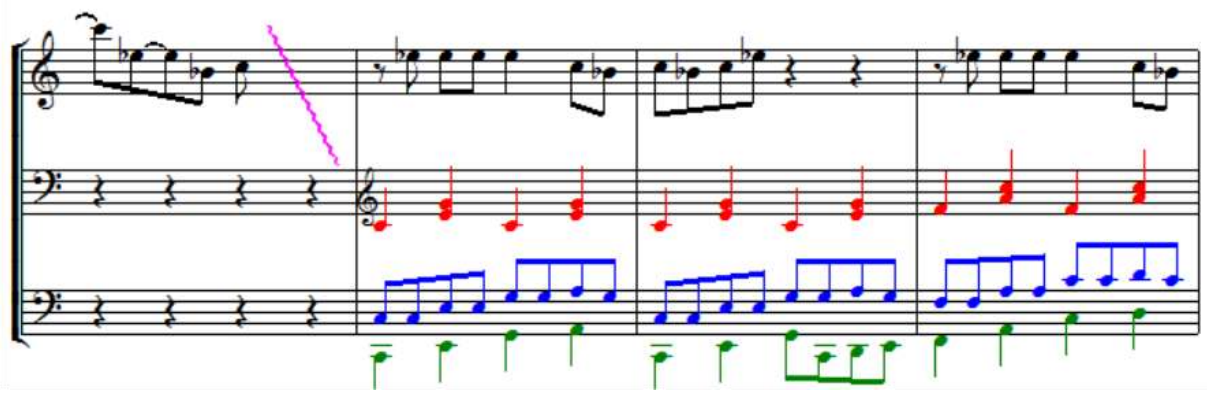

FIGURA 2 – Fragmento da partitura de Rock'N Roll Old Times, compassos 9 a 12.

Optei por um *divise* na voz do baixo pois na gravação ouve-se um baixo mais rápido, feito em colcheias (saliente em azul), e um baixo mais lento (saliente em verde), feito em semínimas, que traz nos finais de cada compasso os mesmos elementos do diálogo que foi apresentado no início da música. Esse trecho tem a extensão de oito compassos.

Parei a escrita do arranjo nesse ponto, pois ali terminava a frase musical e completava uma página inteira de folha A4, assim eu teria material suficiente para trabalhar com os alunos na primeira aula em grupo do ano. Ao levar o arranjo para o grupo de pianistas, pude perceber que a minha escolha acerca da música original foi acertada. Os alunos se mostraram bastante motivados à tocar o arranjo e curiosos para saber e tocar, em uma próxima aula, o resto da música, afinal, sabiam que as próximas partes seriam uma surpresa, já que esclareci que se tratava de um *medley* e que eu ainda não havia definido quais seriam as outras músicas que viriam a fazer parte do arranjo.

Ao começar a aula de grupo, pensei em deixar os alunos escolherem qual voz cada um tocaria, mas como essa escolha foi difícil para eles resolvi delegar as respectivas posições. A única certeza que eu tinha é que minha aluna mais iniciante (de 11 anos) deveria tocar a voz intermediária. Então coloquei os mais velhos (15 e 16 anos) no baixo, pois pensei que teriam mais segurança nos divises e em volume de som, e os outros dois mais jovens (9 e 10 anos) na melodia, pois um ajudaria o outro.

A leitura da peça se deu muito bem, principalmente no início, pois sendo pergunta e resposta era muito fácil para um esperar pela vez do outro. Decidir quem faria o *glissando* também foi fácil, pois uma aluna já tinha prática com *glissando* e logo se “candidatou ao cargo”. Após repetir algumas vezes, a primeira página já estava sendo tocada com perfeição. Todos gostaram muito, estavam satisfeitos com o resultado sonoro da música. O pai de uma das meninas, que assistiu todo o ensaio, comentou que estava impressionado ao ver que a música havia tomado forma e que já estava soando muito bem.

A próxima etapa era criar uma continuação da primeira página. Como o resultado sonoro daqueles oito compassos ficou muito bom, principalmente quando a parte harmônica começava, no compasso nove, pesquisei na gravação (arranjo) original, mais para a metade da música, um solo agudo de piano que pudesse

encerrar essa seção do arranjo para que depois eu pudesse introduzir um tema de outra música. Encontrei um solo com intervalos de terças e quartas harmônicas em colcheias, que se repetiam, caracterizando muito aquele rock (figura 3, saliente em vermelho). Resolvi utilizar esse solo com intervenções de *glissandi*, usando a mesma base harmônica conforme a gravação original, para que os alunos conhecessem aquele elemento bem característico desse gênero musical: as notas repetidas na voz superior.

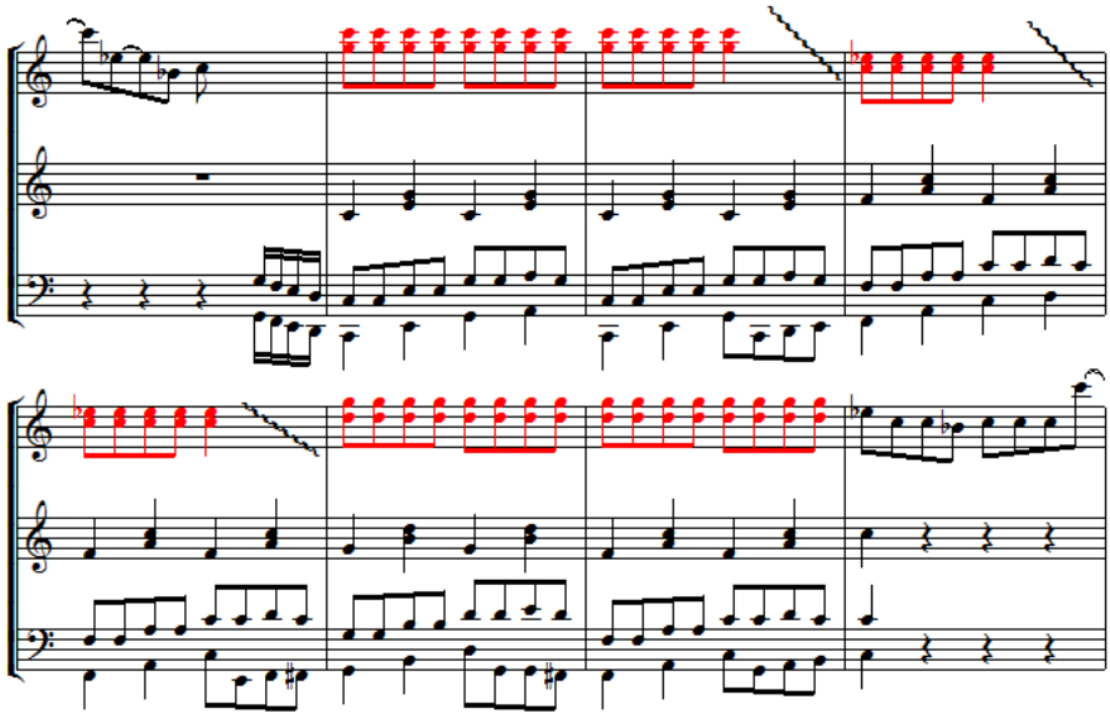

FIGURA 3 - Fragmento da partitura de Rock'N Roll Old Times, compassos 17 a 24.

A melodia por si só encerrava essa parte mas adicionei um *glissando* para poder começar a próxima música, algo que, no ensaio seguinte, se mostrou insuficiente para marcar a mudança de uma música para outra. Tive a ideia, dois dias após o ensaio, de criar quatro clusters descendentes em semínimas para marcar o tempo e quebrar com a tonalidade anterior (conforme saliento em vermelho na figura 4), além de lembrar a marcação rítmica, ou uma possível contagem que servisse de início à próxima parte do arranjo, que é baseada na música *InThe Mood* de Joe Garland.

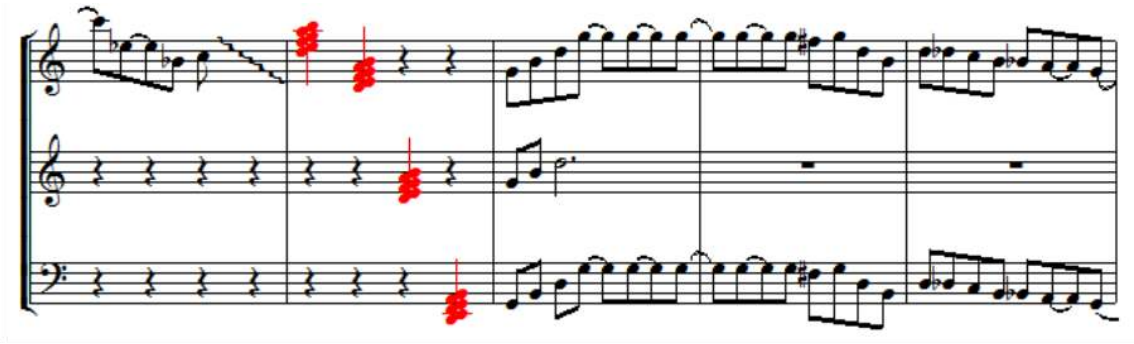

FIGURA 4 - Fragmento da partitura de Rock'N Roll Old Times, compassos 25 a 29.

Nessa música me senti obrigada a escrever o início em oitavas porque, no arranjo original, essa melodia é tocada por todos os instrumentos da orquestra, além disso, eu sabia que os cinco alunos iriam gostar de tocar essa melodia e a dinâmica *forte* sairia naturalmente.

Considerações

A elaboração de arranjos foi uma alternativa viável para contribuir com a prática musical e motivação dos meus alunos de piano, principalmente em relação à prática de grupo, pois dificilmente eu encontraria uma partitura para quatro ou cinco alunos tocarem no mesmo instrumento e com as especificidades técnicas que eu precisaria. Dessa forma, as palavras de Oliveira alicerçam a minha prática quando a autora afirma que "produzir materiais didáticos é uma das estratégias encontradas pelos professores de musica para sanar suas necessidades referentes aos mesmos" (OLIVEIRA, 2005, p. 93).

Acredito que este trabalho possa contribuir para que outros professores, alunos e músicos possam buscar alternativas e ideias para criarem seu próprio material, de acordo com suas necessidades e/ou, ao buscarem material alternativo, possam analisar e refletir sobre a forma como um outro arranjo se apresenta e trabalha questões de educação musical, de estética musical e de técnica do instrumento.

Referências

OLIVEIRA, Fernanda de Assis. *Materiais didáticos nas aulas de música:* um *survey* com professores da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – RS. Porto Alegre:

UFRGS, 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Música - Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PEREIRA, Flávia Vieira. *As práticas de reelaboração musical.* São Paulo: USP, 2011. 302f. Tese (Doutorado em Artes - Musicologia) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ZANATTA, Luciano de Souza. *Memorial de Composição:* as determinantes técnicas e estéticas de um processo composicional.Porto Alegre: UFRGS, 2002. 297f. Dissertação (Mestrado em Música – Composição) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.